

MIGRAÇÕES E MEDIAÇÕES CULTURAIS

Evelina Hoisel
UFBA

Desde a modernidade, a linguagem do escritor se dá em excesso. Excesso de significantes, excesso de significados. A consciência assumida diante dos limites e possibilidades da linguagem faz com que a literatura moderna dissemine essa consciência de forma dramática e radical, tendo em vista o deslocamento que gera em uma tradição que se constituiu neutralizando ou apagando o caráter lingüístico do fazer poético. A consciência crítica, teórica e histórica do escritor moderno fertiliza o espaço literário, imprimindo nele as suas marcas. Neste sentido, o escritor não é apenas poeta, romancista, contista, dramaturgo. A linguagem da literatura moderna torna-se espessa, depositária de outras linguagens, acolhendo o discurso do teórico, do crítico e do historiador. E todas estas funções, na terminologia de um dos fundadores da modernidade, o poeta Paul Valéry, estão sintetizadas no poeta-crítico. Nessas condições, a literatura faz também fertilizar a consciência crítica do leitor, que, no estabelecimento das inter-relações discursivas, encontra-se diante de uma trama textual que lhe impõe uma reflexão sobre os limites discursivos, ou melhor, os deslimites da linguagem.

Mas, paradoxalmente, se esse poeta-crítico (nome que se consagra na tradição da modernidade) se arvora no sentido de realizar a teoria, a crítica e a história da literatura no próprio espaço da criação poética, por outro lado, ele parece desconfiar das possibilidades de empreender tal tarefa no solo da própria literatura. Dessa desconfiança, ele delimita outros territórios discursivos, situa-se em outro espaço à margem do literário, mas produzido paralelamente a ele. Entrelaçam-se, pois, duas ordens de discurso: a literária e a não literária. Diversos escritores da modernidade – Paul Valéry, T.S. Eliot, Ezra Pound, Edgar Allan Poe, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Mário Faustino –, sob perspectivas distintas, inauguram

uma vertente de poetas e escritores que passam a exercer uma atividade reflexiva e criativa, literária e cultural, promovendo sucessivas migrações por variados territórios lingüísticos.

O excesso de linguagem que se observa do lado do escritor – produtor de poesia, produtor de outros códigos, através dos quais elabora questões concernentes à sua atividade literária, ao seu papel de intelectual, à sua inserção no contexto literário, cultural e político de seu tempo – repercute no leitor. Diante de um vasto repertório de signos, estabelecem-se múltiplas confrontações, múltiplos trânsitos e mediações. O leitor vê-se diante de um intrincado jogo de vozes e de papéis. Vê-se, efetivamente, diante de um hipertexto que lhe solicita um intelecto vigilante e uma rápida mobilidade para acompanhar os sucessivos deslocamentos entre diferentes esferas discursivas.

Não é o objetivo de nossa apresentação tratar dessa questão no que diz respeito ao aparecimento do poeta-crítico do início do século 20. Nossa intervenção se dirige no sentido de refletir sobre escritores que exercem, além de uma atividade teórico-crítica, uma atividade acadêmica e institucional. Interessa-nos verificar como, entre o início e o final do século 20, constitui-se, no Brasil, uma vertente de escritores (poetas, romancistas, contistas) que são teóricos, críticos, historiadores, tradutores, ensaístas, prefaciadores, editores e, ainda, pesquisadores e professores universitários. Haroldo de Campos, Augusto de Campos, Décio Pignatari, Affonso Romano de Sant'Anna, Judith Grossmann, Ruy Espinheira Filho, Silviano Santiago constituem-se como objeto de estudo da pesquisa *O escritor e seus múltiplos: migrações*, projeto desenvolvido por um grupo de pesquisadores da Universidade Federal da Bahia. Cada um desses nomes mapeia um território distinto. Se todos eles se situam no contexto literário, histórico e cultural da contemporaneidade, pois desenvolvem suas atividades a partir da segunda metade do século 20, mais precisamente, a partir dos anos sessenta, cada um desses nomes delimita um território lingüístico, geográfico, institucional, poético e teórico-crítico que

tem suas próprias características, com preocupações e posicionamentos divergentes. Cada nome define linhas de forças através das quais circulam posturas éticas e estéticas. Mais que disseminadores do fazer – e do saber literário – ou profissionais das letras, eles são redes informacionais que atualizam, e também ritualizam, valores.

Como entender a multiplicidade de lugares percorridos por estes sujeitos? Que vínculos estabelecer entre seus diversos códigos, seus múltiplos papéis, suas recorrentes interfaces? Por que os limites discursivos não são possíveis para estes escritores? O que significam estes trânsitos, estas migrações, estas alteridades assumidas? Podem elas se configurar em identidades? Pode-se estabelecer alguma hierarquia entre as diversas séries discursivas? Estas indagações nos conduzem ao cerne de uma problemática bastante ampla, mas que será aqui traçada cartografando um dos territórios acima referido: o do escritor Silviano Santiago

Começaremos as nossas mediações evocando o romance *Viagem ao México*,¹ onde a problemática da viagem, das migrações, da mobilidade aparece como uma marca muito evidente da produção de Silviano Santiago, evidenciada desde o início da narrativa, através da fala do narrador:

Para escrever este livro, invento-me monstro, da maneira como só os navegantes sabem inventá-lo durante o transcorrer da viagem da descoberta (p.11). Venho de um antigo povo de marinheiros (p.17). Sou filho de lobos do mar e deles herdei a infindável tarefa de viajar e inventar monstros (p.18). Aprendi com um pensador latino, numa carta que não era dirigida a mim mas de que me tornei destinatário por obra e graça da leitura, que tudo se movimenta na natureza (p.15). Por que os seres não iriam se movimentar pela terra, enriquecendo antigas e novas cidades com o esforço individual, reconstruindo países em ruínas por causa das guerras ou reerguendo regiões decadentes em virtude de governos devassos, por que não iriam levantar diferentes casas de traçados arquitetônicos inesperados e construir laços familiares originais em distantes e inóspitos climas? Inaugurar novos antepassados em uma nova cidade (p.15/16). Alguns desses homens – me ensinou ainda a carta de Sêneca – são movidos pela ambição; outros são obrigados a migrar pelo dever de uma função pública; a uns poucos é a luxúria ansiosa de um lugar propício e rico de vícios que seduz e atrai ... muitos tiveram de migrar para melhor mostrar e vender inteligência e talento (p.16).

Estão aqui colocadas algumas das idéias que compõem a prática escritural/intelectual de Silviano Santiago. Inicialmente, a concepção de que o romance se constitui como um texto em

¹ SANTIAGO, Silviano. *Viagem ao México*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

viagem, em sucessivas migrações. Forma nômade que, ao atravessar distintos territórios políticos e geográficos – pois a viagem é portuguesa, europeia, brasileira, latino-americana – realiza-se em palimpsesto ou em hipertexto, congregando formas e gêneros (como o diário íntimo, a epopéia, o discurso crítico-ensaístico, a pesquisa histórica, a reflexão teórica e filosófica), problematizando-os, expondo a fragilidade dos seus limites. Ficção-limite é o termo utilizado pelo próprio Silviano ao se referir a seu outro romance, *Em liberdade*, em entrevista concedida ao *Estado de Minas Gerais*, em 03 de outubro de 1981, mas que pode definir também o texto de *Viagem ao México*.

Esta terminologia pode ser aplicada ainda à sua vasta produção ficcional, através da qual desloca os limites que têm contornado o conceito de ficção, vez que discute as fronteiras entre uma literatura auto-referencial, intransitiva, resultante do trabalho da linguagem, conforme o modelo estabelecido pelos realistas. Silviano Santiago realiza uma modalidade de ficção histórica que articula o passado e o presente, espaço de reflexão acerca da sua própria constituição, bem como de discussão sobre questões contemporâneas. Em um mundo multiplicado – ainda que fragmentado - em imagens e impressões, onde o declínio da arte e a ascensão da cultura representam também um certo desprestígio da palavra enquanto detentora de universalidade ou promissora de virtualidade, essa dispersão de escritas repete e fragmenta vozes, mas repete e confirma em constantes jogos de diferença uma postura que pode ser apreendida na confrontação problematizadora dos diversos textos.

A crítica de Silviano Santiago tem freqüentemente assinalado esses diálogos intertextuais, estes trânsitos, onde a economia das trocas simbólicas se faz pelo excesso, pelo transbordamento de códigos discursivos, pelas referências que transitam por cadeias temporais distintas, pelas citações que reverterem seu contexto de origem. Fazem parte desse projeto escritural esse jogo de dispersão de falas e papéis, essas migrações, a dramatizarem mediações culturais, trocas identitárias que entrecruzam distintos territórios subjetivos, geográficos e lingüísticos.

“Ao dar forma de livro aos embates da vida cotidiana nômade, do corpo, idéias e sentimentos que transitam, que se deslocam como flecha de uma cidade para outra, de uma região para outra, de um país para outro, de um continente para outro” (p.18), constrói-se um forte aparato teórico e interpretativo que delimita seu próprio domínio discursivo (o discurso da crítica, do teórico, do historiador, do ensaísta, os quais atravessam também domínios disciplinares contemporâneos – o da antropologia, sociologia, história, psicanálise), numa incessante tarefa de mediações.

Os estudiosos da vasta produção de Silviano Santiago, de maneira muito perspicaz e instigante, têm percorrido e mapeado estes sucessivos entrecruzamentos, no sentido de demonstrar como os textos literários e ensaísticos se intertextualizam e promovem uma recorrência de referências, que se reengendram de texto a texto.

É sob essa perspectiva que Lúcia Helena, em “Olhares em palimpsesto”², estabelece as interfaces entre o trabalho crítico, divulgado principalmente através de *Uma literatura nos trópicos* (1978) e *Vale quanto pesa* (1982), e os romances *Em liberdade* e *Viagem ao México*. A abordagem se desenvolve no sentido de mostrar como o ponto nevrálgico do trabalho de Silviano “consiste em dinamizar algo que se engendra na confluência, no lugar-entre, na cena do paradoxo” (p.80). Na produção de Silviano, o entre-lugar é um conceito que compreende a ambigüidade a que estão sujeitos os escritores e intelectuais situados em uma cultura marcada pela imposição dos códigos civilizatórios dos dominantes, possibilitando aos dominados um trabalho antropofágico que subverte os padrões ocidentais.

² Lucia Helena. Olhares em palimpsesto. SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. *Navegar é preciso, viver: escritos para Silviano Santiago*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; Salvador: EDUFBA; Niterói: EDUFF, 1997. p.76-88.

Ivete Lara Camargos Walty, em “O eu migrante: crítica e ficção em *Viagem ao México*”³, considera como, nesse romance/ensaio, Silviano desdobra-se em outros, como já o fizera em *Stella Manhattan* e *Em liberdade*, e, em busca da alteridade, exercita-se naquilo que teoriza na crítica da cultura latino-americana. Evidencia como a releitura que Silviano Santiago empreende da história do Brasil marca-se pela migração do eu ao outro, onde o motivo da viagem, mediatizada pela viagem dos portugueses, sobretudo a de Vasco da Gama em *Os Lusíadas*, constrói uma epopéia-pastiche, que se monta retomando o ensaio “Por que e para que viaja o europeu”, publicado em *Nas malhas da letra*, mas recorrendo ainda a outro texto de Silviano, “Relatos de viagem”, publicado no Jornal do Brasil. Apenas a título de acréscimo, lembramos que, na sessão de abertura do VII Congresso da Abralic, no ano 2000, em Salvador, o tema da viagem é retomado em conferência, a partir da viagem de Lévi-Strauss aos trópicos, fragmento de um longo ensaio publicado posteriormente no caderno *Mais!*, da *Folha de S. Paulo*, de 10 de setembro de 2000. A direção assumida pela escrita de “o eu migrante: crítica e ficção em *Viagem ao México*” é mostrar como preocupações teóricas e culturais são postas em prática pela escrita ficcional.

Ler e escrever, teorizar e ficcionalizar, historicizar e desficcionalizar tornam-se atividades interligadas, e é desse movimento contínuo que se tecem os papéis dos narradores dos romances bem como os do ensaísta, do pesquisador, do professor de Teoria da Literatura e Literatura Brasileira, em instituições de ensino superior no Brasil e como professor visitante em instituições estrangeiras. É recortando estas interfaces que Ítalo Moriconi, em abordagem comparativa de *Em liberdade* e de *Respiração artificial*, do argentino Ricardo Piglia, considera estes textos que problematizam a relação entre escrita literária e escrita histórica, “borrando suas fronteiras” .⁴

³ Ivete Lara Camargos Walty .O eu migrante:crítica e ficção em *Viagem ao México*. Op.Cit. p.157-169.

⁴ Ítalo Moriconi. Improviso em abismo para homenagem. Idem. p.53-60

Moriconi direciona sua leitura percorrendo os territórios freqüentados por Silviano Santiago na sua “ficção pensante”, que, segundo ele, representa “uma síntese de suas discussões sobre o intelectual modernista brasileiro, realizadas ao longo de anos de pesquisa e memoráveis cursos ministrados na PUC do Rio. Um jogo de xadrez desconstrutivo em que Graciliano Ramos compôs quadrilho com três Andrades: Oswald, Mário e Carlos Drummond” (p.55). No desenrolar de suas reflexões, Ítalo Moriconi vai gradativamente estabelecendo as correlações entre o crítico/pesquisador e o ficcionista/poeta. Destaca, por exemplo, a “encenação ficcionada” das leituras que Silviano fez de Oswald de Andrade em *Crescendo Durante a Guerra Numa Província Ultramarina*, livro de poesia publicado na década de 70. Assinala ainda que Silviano Santiago e Ricardo Piglia, no quadro latino-americano, “operam a partir do lugar pós-moderno de uma vanguarda de escritores *doublés* de professores, *doublés* de críticos universitários” (p. 55).

Se continuarmos percorrendo os diversos ensaios que constituem a coletânea *Navegar é preciso, viver: escritos para Silviano Santiago*, organizada por Eneida Maria de Souza e Wander Melo Miranda, verificamos que a temática dos trânsitos, das trocas e das inter-relações entre as diversas atividades, sob perspectivas distintas, proliferam nos ensaios da coletânea. Como estratégia de construção de nossas reflexões, ainda recorreremos a alguns deles, como ao de Ana Maria Bulhões de Carvalho, “Ich Bin Der Und Der”⁵, que estuda as múltiplas personas em que se disfarçam o ficcionista e o poeta como suplemento de uma meia-máscara, a constituir o seu espaço autobiográfico. Através desse processo, a figura do autor vai sendo criada na mente do leitor, a partir do que ele mesmo diz de sua própria obra, somando traços públicos à sua biografia intelectual e literária.

⁵ Ana Maria Bulhões de Cravalho. Ich Bin Der Und Der. Idem. p.197-216.

Rachel Esteves Lima, no ensaio “A crítica cultural na universidade,”⁶ trata da atividade acadêmica de Silviano, correlacionando-a com as demais, e salientando, principalmente, como seu enfoque culturalista ou multiculturalista e interdisciplinar seria reforçado, na tarefa interpretativa, através da incorporação de outros sistemas discursivos – portanto, de outras migrações – como a música popular brasileira, o cinema, o teatro e as manifestações de vanguarda. Por outro lado, o trabalho de Silviano representa uma mudança nos rumos teóricos vigentes na Universidade Católica do Rio de Janeiro e em outras universidades brasileiras, nas décadas de 70 e 80, uma vez que dissemina uma perspectiva de leitura e de avaliação das manifestações artísticas, integrando-as ao seu contexto.

Marília Rothier Cardoso mapeia um outro lugar discursivo ao estudar os ensaios de Silviano publicados no *Jornal do Brasil*, considerando o papel de sua inserção na mídia. Através da atividade jornalística, Silviano Santiago estabelece uma comunicação com um público mais amplo e diversificado. Em “Lições de leitura,”⁷ a questão da pluralidade de lugares é referida por Marília Rothier Cardoso, que recorre à dupla experiência de Silviano de escritor e de professor universitário para situar um dos temas recorrentes dos seus ensaios no *Jornal do Brasil*, mas que constitui uma das linhas de força de sua prática acadêmica e teórica: a necessidade de transformar a leitura do discurso poético em instrumento de democratização social.

No movimento traçado para verificar as trocas estabelecidas nesta pluralidade de perspectivas interpretativas aqui esboçadas, todas dramatizando percursos de migrações e de diferentes modos de mediações operados pela atuação do intelectual Silviano Santiago e apreendida através de suas práticas discursivas, chegamos à leitura que Wander Melo Miranda

⁶ Rachel Esteves Lima. A crítica cultural na universidade. Idem. P.170-186.

⁷ Marília Rothier Cardoso. Lições de leitura. Idem. P.143-156.

empreende em seu livro *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*⁸, na qual discute as relações entre memória e ficção, observando como ambas encenam a história. Tratando da ficção autobiográfica de Graciliano Ramos e da autobiografia ficcional de Silviano Santiago, Wander Melo Miranda recorta como núcleo motivador para a sua abordagem as relações entre o intelectual e o poder, apreendido pelo olhar que o intelectual Silviano Santiago lança sobre o intelectual Graciliano Ramos, após sua saída do cárcere. Portanto, em liberdade. Em uma minuciosa abordagem, traça as correlações entre o crítico, o teórico, o intelectual e o ficcionista, inaugurando a vertente crítica que considera os jogos intertextuais da produção de Silviano Santiago.

E aqui temos que recorrer a um parêntese. Se fôssemos estabelecer estes trânsitos a partir de uma cronologia, a leitura de Wander seria a primeira a ser evocada, pois data de 1992 e a coletânea de ensaios *Navegar é preciso viver...* é de 1997. Entretanto, ao singrar estes mares já antes navegados, nosso movimento é um tanto aleatório, seguindo o rumo das correntezas, atravessando um tanto dispersamente os diversos textos, ainda que com estratégia definida. Em *Corpos escritos*, Wander focaliza estes jogos intertextuais, definindo-os como uma “operação tradutora”. Sob esta perspectiva, compreende a atividade crítica e criadora pelo prisma borgeano do escritor como leitor, isto é, como tradutor. A leitura é uma operação transgressora que desintegra a noção de propriedade autoral, fazendo desaparecer o pai da escrita e a autoridade paterna, configuração chave para se destruir a noção pejorativa de plágio. Inicia-se assim uma tradição que encontra no simulacro a possibilidade de construção de uma literatura que não se determina pela expressão de um eu exclusivo, e que persegue a aventura do texto de se ler e reler.

⁸ MIRANDA, Wander Melo. *Corpos escritos: Graciliano Ramos e Silviano Santiago*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: UFMG. 1992.

O aparato conceitual utilizado por Wander Melo Miranda está afinado com o campo do conhecimento em que se situa o pensamento do teórico e do professor Silviano Santiago – o pós-estruturalismo de Jacques Derrida, Michel Foucault, Gilles Deleuze – o que propicia uma compreensão verticalizada das rupturas e reversões empreendidas pelo texto *Em liberdade*, desconstruindo gêneros e tipologias estabelecidas.

A recorrência desses diversos críticos a essas questões traduz alguns aspectos que devem ser considerados. Em primeiro lugar, os trânsitos são estabelecidos pela própria produção de Silviano, sob perspectivas distintas. É ele, portanto, que embaralha e lança as cartas do jogo de remissões, e o faz de maneira vigorosa, em excesso, pois o movimento dos fluxos migratórios transborda em todas as direções – do teórico para o crítico, do crítico para o historiador, do historiador para o professor, do professor para o pesquisador do CNPq, destes para o ficcionista, para o poeta, para o dramaturgo, destes, por sua vez, para o teórico-crítico-historiador-professor-ensaísta, recorrendo, nesse movimento, a outras migrações que mobilizam trocas transculturais (lembramos que a viagem ao México é portuguesa, européia, brasileira, latino-americana e africana), transdiscursivas (literatura e mpb e cinema e teatro e artes plásticas e política e cultura), transdisciplinar (antropologia e história e sociologia e filosofia e psicanálise). Compreendemos todos estes fluxos como processos de mediações que se dão em diferentes instâncias, através dos quais são revertidos valores literários e culturais, reinstalando-se outros valores.

Em segundo lugar, o campo epistemológico da contemporaneidade, no qual se situa Silviano, bem como seus leitores/críticos, muitos deles ex-alunos de programas de pós-graduação da PUC/RJ, UFRJ, UFF, caracteriza-se pelas diferenças e alteridades, pelas rupturas, pelo apagamento das fronteiras, pelos limiares e reversões, pelas trocas culturais. Trata-se, portanto, de um campo conceitual no qual estas noções estão em circulação, fazem parte do pensamento de

uma época, e é com estas noções que os textos de Silviano têm sido lidos, refazendo-se e ampliando-se por essa via o périplo de seu próprio processo de construção.

Em terceiro lugar, as teorias contemporâneas que falam das relações entre o sujeito e a linguagem têm reafirmado uma concepção de Paul Valéry de que não há linguagem que não seja um fragmento cuidadosamente preparado de alguma autobiografia. O sujeito é indissociável daquilo que faz e as marcas da sua subjetividade estão impressas no cenário da linguagem, onde ele atua e se dramatiza, em constantes processos de descentramento. O descentramento que se constitui como um dos fundamentos das teorias contemporâneas é, para Silviano Santiago, uma obsessiva questão política e ética, como já frisou Ítalo Moriconi. A transdiscursividade operada em seus textos de maneira tão rigorosa e exuberante sustenta a possibilidade desse descentramento, que se monta apelando para desterritorializações e reterritorializações textuais, existenciais e até institucionais (Silviano foi professor da PUC/RJ, UFF, UFRJ, universidades estrangeiras) conseqüentemente, exigindo uma leitura que se faz acompanhando o seu nomadismo, no sentido de apreender as cenas de atuação desse sujeito que, para escrever, inventa-se monstro. Ou seja, inventa-se outro.

Mas é por se constituir como outro, por encorpar as marcas da diferença – aquelas que bordejam as margens da literatura e da cultura e que deixam vir a tona os temas ligados às microestruturas de repressão moderna, como as questões dos povos colonizados, dos loucos, dos homossexuais, e é também por habitar um *entre-lugar* enquanto possibilidade de diálogo transgressor com valores de uma tradição, que este sujeito terá que efetivar a sua mais radical e vigorosa intervenção mediadora: a de encontrar para si, para a sua produção literária, o seu lugar no contexto da literatura brasileira contemporânea. O projeto é arrojado, rigoroso e estrategicamente construído. Podemos demarcá-lo a partir da releitura desses movimentos

migratórios, canalizando os seus fluxos para um ponto específico: o lugar de Silviano Santiago, isto é, da literatura de Silviano Santiago, na história da literatura brasileira.

Os ensaios da coletânea *Nas malhas da letra*⁹ fornecem pistas valiosas para a verificação dessa problemática. Já na apresentação do livro, Silviano define as linhas de força de suas preocupações e inquietações críticas. A primeira, como ele declara, é com os contemporâneos, “com aqueles autores com quem convive a minha própria escrita ficcional e poética”. E prossegue: “é a maneira como, analisando e avaliando a produção literária pós-64, mapeio escritas, traços temáticos e problemas, para melhor me situar” (p.7). A segunda preocupação é com os modernistas, frisando que “algumas sugestões de leituras podem parecer cruéis a uma sensibilidade ainda afinada ao ideário de 22” (p.7).

Ainda que essas linhas de força sejam desenvolvidas através de ensaios específicos, cada um contornando, por um viés particular, os temas citados, as questões também se entrelaçam com o objetivo de se proceder a um gesto crucial do ponto de vista desse projeto de mediação crítica de sua própria obra: o deslocamento dos mestres do passado, isto é, dos mestres do modernismo, bem como dos procedimentos e formas predominantes no movimento – o memorialismo e a paródia. Na linha evolutiva da literatura brasileira, essa ruptura com a tradição passadista e a abertura de um espaço são propiciadas pela autobiografia (pós-moderna) e pela utilização do pastiche. Vários ensaios tratam dessas questões de maneira persistente, mas é no artigo intitulado “A permanência do discurso da tradição no modernismo”, em que procede à revisão do movimento no transcurso dos seus cinquenta anos, que Silviano se situa explicitamente, colocando-se na cena discursiva e demarcando, também explicitamente, num gesto “muito pouco modesto”, como ele declara ao seu interlocutor durante o debate da conferência, o seu lugar no cenário da contemporaneidade, que se convencionou chamar de pós-modernidade. Recorrendo

⁹ SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, 235 p.

didaticamente à sua ficção-limite *Em liberdade*, exemplifica a distinção estabelecida entre o memorialismo modernista e a autobiografia dos escritores pós-64, bem como a diferença produtiva que se verifica com o deslocamento da paródia, enquanto procedimento que lida com o passado, rechaçando-o com escárnio (mas, enfaticamente, Silviano afirma que a tradição esteve presente nos modernistas, desde o início do movimento) e o pastiche, que não rechaça o passado, e se constitui como um suplemento. O pastiche é também uma forma de imitação, gerando formas de transgressão que não as canônicas da paródia. E conclui:

E uma das formas de transgressão, que eu utilizei e que mais incomoda, é você assumir o estilo do outro (p.117). Fiz um pastiche de Graciliano Ramos. Quis ativar o estilo de Graciliano Ramos, incorrendo em outras formas de transgressão /.../ eu fiz uma coisa que foi assumir o estilo de Graciliano Ramos e assumir, pior ainda, o Eu de Graciliano Ramos. Escrevi um diário falso no momento em que ele sai da prisão, o que ele nunca teve coragem de escrever. E, a meu ver, é o que a esquerda dos anos 30 nunca teve a coragem de escrever: só escreveu a experiência da prisão, a experiência do martírio, a experiência do sofrimento, da dor./.../ Mas eu gostaria exatamente de fazer um suplemento a isso, de suplementar isso que já é um todo. Tentei, então, inventar o que teria passado pela cabeça de Graciliano Ramos, com o estilo de Graciliano, e fazendo de conta que se trata de um diário íntimo que ele teria escrito quando saiu da prisão. Essa é a melhor definição que eu posso dar de pastiche que, ao mesmo tempo, é transgressão (p.116).

Se seguimos uma outra pista contida em um ensaio bastante conhecido, “O narrador pós-moderno”, podemos interromper e até concluir transitoriamente nossas reflexões, reafirmando que, como o narrador pós-moderno, Silviano Santiago, “ao dar fala ao outro, acaba também por dar fala a si, só que de maneira indireta” (p.45). Ou seja, ao estabelecer para os seus contemporâneos o seu lugar (deles) na literatura brasileira, através de suas mediações, ele está demarcando para si o seu próprio lugar no contexto dessa literatura.